

Quem instrui os instrutores?



Prof. Nobuyoshi Chinen
Doutorando em Ciências da Comunicação (ECA-USP)

O título desta resenha faz referência à frase “Who watches the watchmen?”, que marca a história em quadrinhos *Watchmen*. Tanto quanto é preciso haver uma instância de controle que vigie os vigilantes, também é necessário ensinar os professores a utilizar os quadrinhos como ferramenta de ensino como demonstra o livro *Histórias em quadrinhos & educação*

Nos últimos anos, a produção brasileira de publicações teóricas ou ensaísticas que abordam as histórias em quadrinhos tem sido enriquecida com diversos títulos que tratam das HQs sob os mais diferentes aspectos e na visão dos mais variados campos do conhecimento. São obras que vão desde biografias de autores, análises semiológicas e estudos comparativos com outras linguagens até abordagens religiosas e filosóficas.

Nos primeiros 11 anos deste século foram publicados pelo menos 172 títulos com uma regularidade animadora, pois, com exceção de 2001, em todos os anos tivemos ao menos 10 livros novos, com um pico excepcional verificado em 2005, um verdadeiro *annus mirabilis*, quando foram lançados nada menos que 27 livros, uma notável média superior a

dois por mês. São números significativos para uma área de estudos cuja bibliografia nunca foi das mais volumosas, principalmente se compararmos, para efeito de simetria, com o período dos últimos 11 anos do século passado quando apenas 44 títulos foram editados, havendo alguns anos com um único lançamento (1995) ou nenhum sequer (1998).

Nesse levantamento não estão incluídos os títulos traduzidos de obras publicadas no exterior, notadamente nos Estados Unidos e Europa, como os de Scott McCloud, Will Eisner e Paul Gravett¹, para ficar nos mais conhecidos.

Isso significa que, com a virada do século, de uma década para outra, os autores nacionais passaram a escrever sobre quadrinhos num ritmo quatro vezes maior.

A primeira dedução possível é de que houve um aumento do interesse por esse tipo de leitura que explora os quadrinhos como linguagem, fenômeno social e cultural ou quaisquer outras análises, por parte do público. Não deixa de ser curioso, pois o número de leitores de gibis vem decrescendo e as tiragens na casa das dezenas ou centenas de milhares, relativamente comuns das revistas



SANTOS NETO, Elydio dos; SILVA, Maria Regina Paulo da. *Histórias em quadrinhos & educação*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2011.

¹McCloud é autor de *Desvendando os quadrinhos* (2004); *Reinventando os quadrinhos* (2005) e *Desenhando quadrinhos* (2007), todos pela MBooks. Eisner escreveu *Quadrinhos e arte sequencial* (1989), *Narrativas gráficas* (2005). Gravett teve lançado *Mangá – como o Japão reinventou os quadrinhos* (2005).

como Pato Donald, Tio Patinhas ou Chiclete com Banana, das décadas de 1970 e 1980, hoje são muito ocasionais.

Outra constatação é que os quadrinhos encontraram espaço dentro das instituições acadêmicas e passaram a merecer estudos teóricos com uma frequência maior, o que corresponde aos resultados de uma pesquisa empreendida pelos professores Waldomiro Vergueiro e Roberto Elísio dos Santos sobre a quantidade de mestrados e doutorados defendidos na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, tendo como tema as histórias em quadrinhos. Segundo esse estudo, nos 10 primeiros anos do século XXI foram produzidas mais teses e dissertações sobre HQs do que em toda a história anterior daquela faculdade, que em 2011 completou 45 anos, ou seja, em uma década superou-se o número de trabalhos realizados em 34 anos.

Embora os tais 142 títulos estejam dispersos em diferentes vertentes de pesquisa, uma delas, a que faz a correlação entre quadrinhos e educação, tem sido explorada de modo mais constante.

Os vários livros dedicados a estudar os quadrinhos como ferramenta didática e material de apoio educacional lançados nos últimos anos não chegam a configurar um movimento, mas apontam uma tendência.

Ainda que existam obras precursoras e isoladas editadas há mais de 30 anos, como o livro *História em quadrinhos*, de Zilda Augusto Anselmo, o ponto de partida dessa onda mais recente pode ser detectado com certa segurança no livro *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*, organizado por Angela Rama e Waldomiro Vergueiro, de 2004, que

contaram com a colaboração de Alexandre Barbosa, Paulo Ramos e Túlio Vilela, e já se tornou uma referência na área. Na sequência, vieram outros títulos: *Histórias em quadrinhos na escola*, de Flávio Calazans (2004); *A educação está no gibi*, de Djota Carvalho (2006) e *Quadrinhos na educação*, organizado por Waldomiro Vergueiro e Paulo Ramos (2009) que traz a contribuição de mais quatro autores: Alexandre Barbosa, João Marcos Parreira Mendonça, Lielson Zeni e Túlio Vilela.

A mais recente publicação que estuda os quadrinhos como ferramenta de apoio ao aprendizado é o livro *Histórias em quadrinhos & Educação. Formação e prática docente*, organizado por Elydio dos Santos Neto e Marta Regina Paulo da Silva e colaborações de Éderson Paulino da Silva, Edgar Franco, Gazy Andraus, Michelle Costa Duarte. O maior diferencial desse livro em relação aos anteriores é que, enquanto os outros fazem a defesa da linguagem dos quadrinhos e trazem sugestões de como usá-los como ferramenta didática, este tem o caráter de apresentar relatos de experiências bem sucedidas com alunos, mas de cursos universitários de licenciatura, ou seja, os que estão se preparando para ser professores. Seu subtítulo deixa bem clara a proposta dos autores que é auxiliar na capacitação de professores na utilização das histórias em quadrinhos com seus alunos.

É oportuno notar que historicamente, os quadrinhos nunca estiveram relacionados a educação, pelo contrário, a associação mais comum era com a preguiça mental e, em casos extremos à marginalidade. Até duas gerações atrás, os quadrinhos sofriam de forte preconceito e sua presença no ambiente escolar era vista com desconfiança e rejeição. Com o

tempo e um entendimento mais preciso dos mecanismos que envolvem o processo de leitura dos gibis e a compreensão de que o aprendizado pode e deve se valer de formas alternativas à leitura formal de textos escritos, esse preconceito vem sendo derrubado aos poucos, ainda que com estrondosas exceções, e os quadrinhos passaram a contar até com políticas institucionais de apoio.

O mais forte símbolo dessa mudança de postura são os programas de aquisição de livros em quadrinhos por parte dos governos estaduais e federal.

Essa onda também coincidiu com um momento de intensa produção nacional, parte dela motivada por diferentes concursos governamentais de incentivo à criação e edição de quadrinhos como o ProAc, do Governo do Estado de São Paulo.

Graças a essas e outras iniciativas, um grande número de títulos em quadrinhos passou a estar ao alcance dos alunos nas bibliotecas públicas e escolares.

Mesmo com tamanha variedade de material colocada à disposição dos estudantes, verificou-se que não havia um trabalho direcionado que explorasse o potencial dos quadrinhos e os jovens simplesmente liam os gibis como atividade de entretenimento e lazer.

Faltava, portanto, o acompanhamento mais direcionado de um professor que, por sua vez, tivesse um conhecimento mais específico para orientar seus alunos na leitura de quadrinhos. E é justamente essa deficiência que os autores de *Histórias em quadrinhos & educação* tentam se não corrigir, ao menos apontar e demonstrar que existem caminhos para se achar uma solução e ressalta a importância de preparar os docentes para a utilização de quadrinhos.

Seus organizadores são especialistas em Educação com ampla vivência em metodologias de ensino: o professor Elydio é doutor em Educação e foi coordenador de pós-graduação na Universidade Metodista de São Paulo. A professora Marta Regina é doutoranda e coordenadora de pós-graduação também na Metodista. Os dois trouxeram parte de sua experiência em sala de aula para as páginas do livro. O objetivo declarado de ambos é fornecer subsídios aos interessados em aplicar a leitura dos quadrinhos em sala de aula.

A obra é bastante sucinta e objetiva, e seus seis autores apresentam diversos exemplos de aplicação prática dos conceitos apresentados, ao longo de nove capítulos.

Gazy Andraus expõe, pela primeira vez em livro, parte de sua tese de doutorado que explicita, com base em argumentos científicos, como a leitura de histórias em quadrinhos ativa os dois hemisférios cerebrais e que, portanto, mostra-se como um exercício extremamente rico, desde que bem utilizado.

O capítulo de Edgar Franco acaba tendo sua parte inicial redundante, pois explora os conceitos dos quadrinhos já abordados em um dos capítulos, mas, na segunda parte, desenvolve uma interessante proposta de confecção de histórias em quadrinhos com técnicas alternativas como fotografia, colagens e montagens tridimensionais.

Éderson Paulino da Silva e Michelle Costa Duarte são autores de dois capítulos. Um deles faz um apanhado geral dos principais elementos constitutivos de uma história em quadrinhos, com descrição de funções e exemplos de utilização. Nada muito profundo, mas o suficiente para que o leitor não habituado à linguagem possa se situar com segurança. Em outro ca-

pítulo, eles demonstram que a alegada resistência ao desenho muitas vezes justificada pela falta de talento não procede e usam suas próprias experiências pessoais para incentivar aqueles que acham que não sabem desenhar.

Uma característica que enriquece o livro é que permite conhecer a experiência de docentes de áreas distintas. Gazy Andraus, por exemplo, trabalhou com turmas do curso de Educação Artística, que, portanto, já possuíam alguma afinidade e familiaridade e destreza com a linguagem visual e dominavam alguns recursos de desenho. Em contraste, a professora Marta Regina fala de sua turma do curso de Pedagogia em que alguns alunos consideravam-se totalmente incapazes de desenhar.

O professor Elydio oferece um interessante e oportuno levantamento de 10 razões para que o professor adote os quadrinhos em sala de aula.

O último capítulo traz um valioso apanhado de obras que servem

de apoio ao educador na aplicação dos quadrinhos em sala de aula. Há desde indicação de material que aborda técnicas de desenho até documentários em DVD. Não falta nem mesmo uma categoria específica dedicada a quadrinhos e educação que inclui todos os livros já mencionados nesta resenha. Por fim, a bibliografia enumera 21 estudos, entre livros e monografias, que sugerem diferentes estratégias para a utilização das histórias em quadrinhos no trabalho em educação. Nota-se uma concentração de títulos publicados a partir de 2004, confirmando o aumento de interesse por esses estudos nos últimos anos.

Por reunir um time de pesquisadores que há anos vêm se dedicando ao estudo das HQs e apresentar práticas já testadas e de resultados comprovados, Histórias em quadrinhos & educação revela-se uma valiosa contribuição para tornar o uso dos quadrinhos em sala de aula um recurso didático corrente e eficaz. 🗨️